



LEITE, Jessica Mayara Lisboa. O engajamento social na poesia épica de Leda Miranda Hühne. In: *Revista Épicas*. Ano 2, N. 3, Jun 2018, p. 1-13. ISSN 2527-080-X.

O ENGAJAMENTO SOCIAL NA POESIA ÉPICA DE LEDA MIRANDA HÜHNE

Jessica Mayara Lisboa Leite (UFS)¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo mostrar como Leda Miranda Hühne, em *A cor da terra*, obra publicada em 1981, faz uma representação mítico-simbólica do Brasil. Nessa perspectiva, destacaremos a importância de se reconhecerem algumas marcas estéticas e de conteúdo que caracterizam a produção épica de Hühne, bem como: o diálogo com a tradição concretista; o engajamento com questões sociais, culturais e políticas; a presença da “Mãe-terra” como referente mítico; a instância de enunciação assumida numa 1ª voz de mulher; e o revisionismo e engajamento histórico, para os quais certamente contribuiu o conhecimento filosófico da escritora.

Palavras-chave: *A cor da terra*; Poesia épica; Imagem mítica; Leda Miranda Hühne.

ABSTRACT: This article aims to show how Leda Miranda Hühne, in *A cor da terra*, published in 1981, makes a mythical-symbolic representation of Brazil. From this perspective, we will emphasize the importance of recognizing some aesthetic and content marks that characterize Hühne's epic production, as well as: the dialogue with the concretist tradition; engagement with social, cultural and political issues; the presence of the "Mother Earth" as a mythical referent; the instance of enunciation assumed in a woman's 1st voice; and revisionism and historical engagement, to which the writer's philosophical knowledge certainly contributed.

Keywords: *A cor da terra*; Epic poetry; Mythical image; Leda Miranda Hühne.

Introdução

Segundo Ramalho, “durante muito tempo (e, ainda que de forma escassa, mesmo hoje), certas temáticas e uso vocabular eram proibitivos às escritoras. A poesia épica, por exemplo, é

¹ Relato de Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no Curso de Letras/Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe. Orientadora: Christina Bielinski Ramalho.

reconhecidamente um reduto masculino” (2006, p.111). Corroborando com o pensamento de autora, além de mostrar que a mulher também escreve o épico, e que este não é, pois, um “reduto masculino”, faz-se necessário mostrar que tal gênero não morreu. Embora seja “considerado por grande parte da crítica um gênero esgotado no século XVIII, o épico, contudo, como forma de arte literária que é, sobreviveu e sobrevive em muitas culturas, ainda que revestido de novas formas [...]” (RAMALHO, 2013, p.15). Portanto, o épico além de existir, está sujeito às transformações estéticas e conceituais pelas quais o mundo passa. Assim como nossa sociedade, ao longo do tempo, passa por diversas mudanças, com a Literatura ocorre o mesmo, afinal, ela é um reflexo da realidade circundante.

Dessa forma, esta pesquisa tem por objetivo mostrar como Leda Miranda Hühne², em *A cor da terra*, obra publicada em 1981, faz uma representação mítico-simbólica do Brasil. Nessa perspectiva, enfatizaremos a importância de se reconhecerem algumas marcas estéticas e de conteúdo que caracterizam a produção épica de Hühne. É válido ressaltar que o presente estudo é oriundo da minha experiência com o PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), em que foi possível conhecer um pouco mais do épico na poesia de Leda Miranda Hühne. Através do projeto realizado, pude perceber a audácia da mulher-escritora, que, além de romper com os tabus pregados por uma sociedade patriarcal, mostra a arte como uma forma de denúncia.

Para o desenvolvimento deste trabalho, algumas etapas metodológicas foram desenvolvidas, a partir do primeiro passo, que foi a escolha do poema épico, do autor e do tema. Embasada na leitura de textos teóricos que discorrem sobre o épico, como Anazildo Silva e Christina Ramalho, analisei *A cor da terra*, atentando-me para a relação existente entre história e literatura, para a representação mítico-simbólica do Brasil presente na obra e para a imagem mítica da Mãe-terra, que dela se recolhe.

Tratando-se da estrutura, o poema épico possui algumas características peculiares que facilitam o seu reconhecimento como gênero literário. Além da proposição, invocação e divisão em cantos, o poema épico também apresenta uma dupla instância de enunciação: uma lírica e outra narrativa, e os planos literário, maravilhoso e histórico. É, pois, um poema longo, que exige do leitor uma maior atenção. Portanto, a finalidade da divisão em cantos é “compatível com a própria natureza do texto épico, que, extenso, pede pausas, e englobando, muitas vezes, largos períodos históricos, igualmente exige que se destaquem os episódios enfocados” (RAMALHO, 2013, p. 82).

Mesmo que alguns críticos cogitem sobre a morte do épico, temos muitas evidências de sua existência e importância para os estudos literários. Anazildo Silva, através de sua teoria, mostra que o gênero épico ainda sobrevive e que, assim como a sociedade passa por modificações, o texto literário também passa. A arte não é estática, mas sim, dinâmica e renovável, pois

² Poetisa, romancista, contista e ensaística, mestra em filosofia pela UFRJ e doutora pela PUC do Rio de Janeiro.

sempre em sintonia com as questões sociais, históricas, políticas, estéticas etc., as artes, incluindo a literária, se renovam constantemente em um diálogo permanente entre o antigo, o novo e a realidade humano-existencial. Considerado por grande parte da crítica um gênero esgotado no século XVIII, o épico, contudo, como forma de arte literária que é, sobrevive em muitas culturas, ainda que revestido de novas formas, como ocorre com qualquer gênero literário quando corretamente observado por lentes teóricas e críticas que levem em conta as transformações por que passam as manifestações literárias e artísticas em geral (RAMALHO, 2013, p. 15).

Em *A cor da terra*, Hühne traceja os fatos históricos que marcaram a construção da identidade de um povo pertencente a um Brasil ainda menino, a um país que tinha acabado de se libertar dos colonizadores, mas que enfrentará muitas dificuldades, desde a escravidão até a formação ideológica e cultural, as desigualdades sociais, a seca, o cangaço, o exílio dos nordestinos e a masmorra das favelas dos grandes centros urbanos. Segundo Ramalho,

ao dialogarem com a História ou, um poeta e uma poetisa épicas (as) definem linhas em empatia com historiadores e versões de fatos históricos. Ao se analisar uma epopeia, não se está entrando, pois, em contato com a história de forma abstrata, mas com versões nas quais se basearam as linhas mestras do plano histórico do poema (2013, p.112).

Em entrevista³ concedida a Christina Ramalho, Leda diz que “*A cor da terra* tem como herói o próprio povo brasileiro que narra a sua história através da mulher-terra. Ela é a grande obreira que abre seu ventre para tantas sementes e recebe tantas pisadas e, ainda assim, é oferenda” (RAMALHO, 2005, p. 97). É evidente que Hühne é uma escritora à frente de seu tempo. Em suas obras, ela quebra tabus e rompe preconceitos. Em seus textos épico-líricos, podemos identificar “[...] o engajamento com questões sociais, culturais e políticas; a presença da “Mãe-terra” como referente mítico; e a instância de enunciação assumida numa 1ª voz de mulher” (RAMALHO, 2005, p. 93-94).

Outro ponto que merece destaque é a estética do livro, mais precisamente, a capa. Esta, além de ser muito sugestiva, faz jus ao conteúdo abordado no corpo do poema: a figura mítica da “Mãe-terra”. A capa traz a imagem de uma mulher (não identificada, uma vez que ela pode representar todas as mulheres), com as pernas abertas, numa posição de parto e uma criança saindo de suas entranhas. “Mãe” e “terra”, ambas são responsáveis pela reprodução e precisam ser “fecundadas”, não necessariamente pelo órgão genital masculino, mas pelas sementes (no caso da “terra”) espalhadas pelas mãos de trabalhadores, pois, a terra “brotou do trabalho do trabalhador”.

A Cor da terra: uma representação mítico-simbólica do Brasil

³ Esta entrevista foi realizada em 2002, durante a elaboração da tese de doutorado de Christina Ramalho, *Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres*.

Escrito por Leda Miranda Hühne e publicado em 1981, *A cor da terra*, obra magnífica para ser lida em único fôlego, faz um retrato poético de um Brasil independente, cujos traços de identidade não recebem a valorização que deveriam. Retrata, pois, a beleza dos trópicos integrando-a às raças marginalizadas, aos negros escravizados, aos índios amedrontados e aos nordestinos exilados. Para Maria Consuelo Cunha Campos, autora do prefácio de *A cor da terra*, tal obra representa “uma grande poética da brasilidade” (este é o título do prefácio), em que é possível notar não apenas um esmerado trabalho estético, mas também

os mitos da nacionalidade, tais como a cordialidade de uma história sem guerras, sem violência, num espaço paradisíaco de Eldorado, são desmitificados em favor da imagem de um brasileiro que se dá conta de que verdadeiramente não conhece este país que pulsa, lá embaixo sufocado pelas místicas da nacionalidade, pelas versões multinacionais [...] (CAMPOS, 1981, p. 8).

Nessa perspectiva, faz-se relevante atentarmos para a importância da mulher escritora (que, muitas vezes, engajada com as causas sociais, busca um espaço no cenário da literatura), que, por muito tempo, lutou (e ainda luta) pelos seus direitos e por um lugar numa sociedade patriarcal. No que diz respeito aos traços estéticos e à temática da produção literária de Hühne, Ramalho afirma que

a temática social, voltada para a apreensão da terra e do homem brasileiros, está presente na maior parte de sua obra literária, que reúne cerca de 80 publicações, entre romances, poemas, poemas longos de feição épica, contos e crítica literária. Leda Hühne, contudo, privilegia, em processo de criação, os romances e os poemas longos, carregados de intensão crítico-transgressora (2013, p.76).

A autora, em *A cor da terra*, além de brincar com a disposição gráfica das palavras, utilizando-se de traços estéticos semelhantes ao concretismo, tal como se vê na abertura do poema, aqui retomada:

A COR DA TERRA

C
O
R
D
A

ACORDA TERRA

faz um apelo à mãe-terra: “A COR DA TERRA”/ “ACORDA TERRA”. “Problematizando questões sociais do Brasil, o poema não se centra na relação entre os domínios do masculino e do feminino, mas na sociedade como um todo. O que o poema valoriza é a atuação social de cada brasileiro e brasileira [...]” (RAMALHO, 2012, p. 74). Fica, pois, evidenciada a importância de as mulheres terem, com a

chegada do século XX, alcançado maior espaço no âmbito da produção literária, através de textos com intenções críticas e transgressoras.

Trata-se, portanto, de uma arte engajada com as causas sociais, e não de uma “arte pela arte”. Hühne, em *A cor da terra*, “brinca” com as palavras, aporta-se do fazer poético para discutir assuntos relacionados à história e a cultura do povo brasileiro, através do

uso da caixa alta, dos versos curtíssimos, agrupados em dísticos ou tercetos que se espalham no branco da folha, à moda vanguardista, provocando o ritmo do olhar-leitor com jogos de palavras e possibilidades de leituras diagonais. Além disso, são expressivos no conjunto de sua obra: o engajamento com questões sociais, culturais e políticas; a presença da “Mae-Terra” como referente mítico; e a instância de enunciação assumida por uma 1ª. voz de mulher, o que instiga a curiosidade sobre a militância feminista da autora (RAMALHO, 2013, p. 76).

A obra, como já foi mencionado, traz um prefácio intitulado “Uma Poética da Brasilidade”, escrito por Maria Consuelo Cunha Campos, e está dividida em partes, a saber: um “Preâmbulo” (que funciona como uma proposição nomeada, em destaque e em forma de poema), subdividido em duas partes: “A COR DA TERRA”, em que o eu-lírico/narrador descreve os trópicos e “À MARGEM”, em que temos a visibilidade de todas as identidades que se encontravam à margem dos colonizadores:

OS ÍNDIOS
OS CABOCLOS
OS NEGROS
OS MULATOS

TODOS
NA CERCA
VIVA VIVOS
MORTOS

OS NORDESTINOS
OS EXILADOS
TODOS
COLONIZADOS

TODOS
PRISIONEIROS
NO JUNCO
DOS FORTES
VERDE-
AMARELADOS

TODOS
SUB –
JULGADOS
À FALSA
E CAPITAL
HERANÇA

(HÜHNE, 1981, p. 17).

Já “EPICENTROS” traz as partes I. “A TERRA VERDE”; II. “ALFORRIA” e III. “DESCAMINHO”; “COSMÓPOLE” é composta por I. “O LABIRINTO”; II. “O ESTIGMA” e III. “HERANÇA”; e “MELOPÉIAS” apresenta I. “O CANTO DA TERRA” e II. “GEMIDOS”. Vejamos o quadro sintético:

A COR DA TERRA

PREFÁCIO	PREÂMBULO	EPICENTROS	COSMÓPOLE	MELOPÉIAS
UMA POÉTICA BRASILIDADE	A COR DA TERRA	I-A TERRA VERDE	I-O LABIRINTO	I-O CANTO DA TERRA
	A MARGEM	II-ALFORRIA	II-O ESTIGMA	II-GEMIDOS
		III-DESCAMINHO	III-HERANÇA	

“SÓ PAU – BRASIL/SÓ PAU – BRASIL” (HÜHNE, 1981, p. 23) são os dois primeiros versos de “A TERRA VERDE”, a primeira parte de “EPICENTROS”. É perceptível que tais versos possuem um duplo sentido: o eu-lírico/narrador pode, de fato, estar fazendo menção à exploração do Pau-Brasil, como pode também estar querendo expressar o estrago causado pelos colonizadores, numa tentativa de dizer que o Brasil só levou “pau”, “pau”.

Nos versos “A COR DA TERRA NÃO NASCEU/ DO SOPRO DAS/ CARAVELAS” (HÜHNE, 1981, p. 14), retirados da parte intitulada “A COR DA TERRA” (Preâmbulo), e em “NO VENTRE/DA TERRA VERDE” (HÜHNE, 1981, p. 23), de “A terra verde” (EPICENTROS), Ramalho observou que

a terra ganhou “cor” por meio do trabalho e do trabalhador, termo metonímico que envolve índios, caboclos, negros, mulatos e nordestinos. “TODOS PRISIONEIROS”. A consciência de “aprisionamento” que cerca a identidade popular brasileira realça o teor político dos versos, que, lembremos, foram publicados ainda dentro de um regime de censura (2013, p. 79).

Dessa forma, pode-se dizer que a expressão “Terra verde” faz alusão a uma terra ainda jovem, que precisa amadurecer, ou melhor, que precisa acordar para e enxergar as consequências do processo de “aculturação”, em que a cultura do colonizador é imposta como oficial, tirando dos índios o direito sobre as terras já habitadas. Vejamos:

O ÍNDIO
DE BRAÇOS
DES – CRUZADOS

GANHA DOS
VISITEIROS
A CARTA DE
ENTRAGEIRO

(HÜHNE, 1981, p. 26).

Ainda em “TERRA VERDE”, tem-se a presença constante dos elementos da terra, numa tentativa de “recompor tanto a identidade da terra como a identidade dos grupos sociais. Assim, para representar as vítimas da exclusão, é dada voz à índia “a-mordaçada” [...]” (RAMALHO, 2005, p. 96).

ÍNDIA
DE PELE
URUCU

COLARES
PLUMAS
CORPO
NU

ÍNDIA
CALADA
MURCHO
ANU

FORA DOS
TAMBORES
DA TABA

LONGE
DOS CANTOS
TUPÃ

ÍNDIA
AMOR-
DAÇADA

(HÜHNE, 1981, p. 30).

Na segunda parte de “EPICENTROS”, “ALFORRIA”, a voz é dada ao negro, retomando, assim, o “13 de maio de 1888”, dia da abolição dos escravos. Já na terceira parte, “DESCAMINHO”, uma voz de mulher nordestina, mesmo sem saber de nada do sertão, assume a instância de enunciação: “SOU DO NORDESTE/ E DO NORDESTE/ NADA SEI [...]” - “SOU MASCARADA/PELAS CARRANCAS/CARRASCOS/ENFEITIÇADOS” (HÜHNE, 1981, p. 49-50). Entre as três partes de “EPICENTROS”, “DESCAMINHO” é a maior. O ELN fala do Nordeste de forma minuciosa, desde a seca até a produção de açúcar, contradizendo, assim, a afirmação de que nada ela sobre este Estado.

LARGA

A SECA

A CHOÇA
O JEGUE

JOGA
 NAS COSTAS
 O SACO
 LEVE
 SEGUE
 CEGO
 CAMINHEIRO
 NORDESTINO
 (HÜHNE, 1981, p. 57).

Observemos que Hühne, ao se utilizar de traços concretistas, mostra, nas entrelinhas do poema, o percurso feito pelo retirante nordestino, pois, o trecho acima remete a uma estrada, a um caminho que deve ser percorrido por alguém. Dessa forma, em “DESCAMINHO”, a autora relata a vida sofrida dos “Severinos” que estão à procura de uma solução, querem ficar livres da seca, enfrentam o exílio, se deparam com as dificuldades encontradas no caminho “ACOCORADOS/ACUADOS/ OS NORDESTINOS/ NA ESTRADA/ A COMER RAPADURAS/ A CHUPAR POEIRAS” (HÜHNE, 1981, p. 62). Como o próprio título sugere, os nordestinos estão à procura de um “caminho sem caminho” – “Descaminho”.

Além da seca e do exílio, o ELN destaca o processo de produção de açúcar. Ali, mais uma vez, ela expõe a relação dominador/dominante como ponto crucial para deixar outro grupo de pessoas, neste caso, os nordestinos, à margem da sociedade. Trata-se, pois, de uma política capitalista, em que todo o capital é centrado nas mãos dos “Senhores de engenho” e, aos trabalhadores, é reservado apenas o trabalho escravo e mal remunerado.

[...] SEGUEM PARA AS USINAS ÀS TRITURADORAS ONDE
 TRANSFORMADAS SÃO EM ONDURAS BRANCAS AREIAS
 JUNTOS AOS PRANTOS PREMIDOS BILES DOS TRABALHADORES

CONVERTIDOS SÃO EM FONTES DE ENERGIA
 DE RENDA FONTES E CASCATAS GOMOS DE FRUTOS
 SÓ PARA OS SENHORES DONOS DOS ENGENHOS

(HÜHNE, 1981, p. 71).

Saindo do Nordeste, os retirantes caem “nas malhas das enchentes norte-nortistas”, deparando-se com as sujeiras das cidades grandes – valas e favelas, com o mesmo sistema capitalista dos “Senhores de engenho” e com a mesma precariedade do Sertão.

O NORDESTINO
MUDOU DE
PRISÃO

SAIU DA
EMPREITEIRA
ENTRA NO
GALPÃO

ABANDONOU
A REDE
SE ESTICA
NA ESTEIRA

DEIXOU A
CUIA
APANHA A
MARMITA

(HÜHNE, 1981, p. 90).

Na segunda parte do poema, “COSMÓPOLE”,

a viagem transfere-se definitivamente para o espaço urbano, o eu-lírico narrador integra-se à terra-favela, assumindo a voz das lavadeiras, da gente indigente, menores infratores, que convivem com ratos, violência, assaltos, buracos, peste, traficantes, enxurradas, ventanias, tapumes semi-abertos, valas, vazadouros, numa terra mítica às avessas [...] (RAMALHO 2012, p. 75).

Nota-se que, ao intitular a segunda parte do poema como “COSMÓPOLE”, a autora tinha propósitos bem delimitados, uma vez que tal expressão é oriunda da junção de duas palavras: “Cosmo”, que significa “universo”, e “Pole”, uma redução do termo “Pólis”. De origem grega, esta palavra nos remete ao modelo como as cidades eram organizadas, na Grécia Antiga. A sociedade era estratificada em três posições sociais – a primeira era composta pelos cidadãos livres, que contemplavam de seus direitos civis; já a segunda, por estrangeiros, que embora tivessem liberdade, não gozavam de todos os direitos civis; e a terceira englobava os escravos, estes, além de não usufruir os direitos, não tinham liberdade.

Como já foi dito, “COSMÓPOLE” é composto por três partes: I. “O LABIRINTO”; II. “O ESTIGMA” e III. “HERANÇA”. Em “O LABIRINTO”, é apresentado todo cenário o urbano e suas mazelas, com destaque para as favelas, “sugadouros de talentos dispersos”; lavadeiras, mendigos “alheios”; reformatórios, menores infratores e algazarras.

NA FOZ DA FAVELA
A VOZ DA ALGAZARRA

ASSOBIOS DE CRIANÇAS
ASAS PIPAS FANTASIAS
DEDOS ESCULPINDO FOICES
E ESPADAS OS GRITOS

AS MULHERES LAVADEIRAS
FALANDO BATENDO ROM –
PENDO AS BACIAS DE FERRO

AS LAVADEIRAS FALANDO
DESVIANDO RASGANDO
O FADO DAS ALVAS DAMAS
(HÜHNE, 1981, p. 106)

O nordestino que, em busca de melhores condições de vida, deixou o Nordeste para buscar refúgio no Norte, ao chegar à cidade “grande”, depara-se com um verdadeiro labirinto, em que, além de driblar as dificuldades financeiras, tem que aprender a lidar com os estereótipos que giram em torno dos retirantes.

“O ESTIGMA”, segunda parte de “COSMOPÓLE”, nos apresenta as consequências da colonização: a exploração do Pau-Brasil e dos minerais, a escravidão, a fome, a soberania de uns, o rebaixamento de outros e a imposição do idioma e da cultura. Temos muitas cicatrizes, até hoje sofremos com o peso do nosso fardo, o peso do Pau-Brasil ainda dói em nossas costas: “A CORDA TERRA/ACORDA”, pois,

OS COLONIZADORES
PARTIRAM COM
O OURO E O VERDE

OS COLONIZADORES
CHEGARAM PESADOS
DE IDEIAS METAIS
E MAQUINARIAS

ABERTOS OS PORTÕES
AGORA NÃO PELOS SENHORES
DOS ENGENHOS A VEZ É
DOS CHEFES GUERREIROS

O COLONATO FORTE RE -
VESTIDO EM ESCUDOS VER -

DES AMARELOS ABRIU O
SANGUE DA TERRA E A SUGOU

NO SOLO FICOU BRASIS
RASPAS BAGAÇADOS E CAMA -
DAS DE CALIÇAS E FUMAÇAS
(HÜHNE, 1981, p.136)

Já em “HERANÇA”, o apelo para que a “terra” desperte é ainda maior. O ELN mostra detalhadamente a verdadeira herança deixada pelos colonizadores. Para isso, ele divide o Brasil em dois:

O BRASIL I
DOS REIS
DOS CHEFES
DOS BENS
DOTADOS

MANDA
DESMANDA
NO BRASIL II
INFANTE

O BRASIL II
ABAIXA A
CABEÇA
MARCHA

TROPEÇA
SE LEVANTA
NO CAMPO
DA LUTA

(HÜHNE, 1981, p.141)

Portanto, as três partes de “COSMÓPOLE” reúnem “a imagem da cidade, assim, reúne um circo de horrores e hipocrisias, repleto de palhaços, malabaristas, soldados, anjos, santos, impostos, mordomias, burocracia e subnutridos” (RAMALHO 2012, p. 75).

A terceira e última parte da obra recebe o título de “MELOPÉIAS”. Como se vê, a própria expressão já nos direciona ao canto. De acordo com as concepções formuladas por Ramalho (2005, p. 99), “Melópeias” “traduzirá as possibilidades de cantos para a terra. “O canto da terra” (parte I de “Melopéias”) relembrará as revoluções perdidas”:

NÃO ERA PRISIONEIRO DE GUERRA
SÓ
PRISIONEIRO
CEIFADO

NA TERRA
NATAL

ARRANCADO
DA VIDA
POR LUVAS
ANÔNIMAS [...]

(HÜHNE, 1981, p.165)

Em “GEMIDOS” (parte II de “MELOPÉIAS”), o ELN lamenta as dores de uma terra que teve seu

[...] VENTRE RASGADO
NA CONCEPÇÃO

ABERTO
O TEMPO DA LIBERDADE
ARRANCADO ÀS
FEZES E SANGRENTA
PLACENTA [...]

(HÜHNE, 1981, p.183)

E, “no fim da viagem, o eu-lírico narrador, após ter caminhado “MIL LÉGUAS/DE PAU-
/BRASIL”, ESPERA PELO “CURUMIM”, ao lado de quem irá ver a colheita: “A COR DA TERRA/LUSTRADA
PISADA/A COR DA LIBERDADE”” (RAMALHO, 2005, p. 99).

Feitas estas ressalvas sobre cada parte de *A cor da terra*, fica mais do que evidente o engajamento de Hühne com as causas sociais. Tal obra, para Ramalho,

insere-se em um contexto político brasileiro bastante crítico: o da ditadura militar. Valorizando o trabalhador brasileiro e dimensionando criticamente a colonização do país. Hühne toca metaforicamente em questões políticas, deixando um visível apelo à consciência do povo brasileiro: “Acorda, terra” [...] (2013, p. 780).

A autora busca problematizar os problemas de um “Brasil” ainda menino, de um país que precisava construir sua própria identidade, sem que, para isso, as pessoas fossem vítimas do nacionalismo laudatório. O apelo para que a “terra” acordasse já se inicia no próprio título do livro: “A cor da terra” pode ser lido “Acorda, terra”, que, como já foi mencionado, funciona como uma invocação. Nota-se, ainda, o engajamento da autora com as causas sociais.

Considerações finais

É, portanto, de grande relevância que os professores de literatura, em suas aulas, trabalhem com o épico, e que apresentem aos alunos obras de autores que ainda não são cânones literários, como é o exemplo de Leda Miranda Hühne. É importante que os discentes tenham conhecimento

sobre vários gêneros literários e sobre autores desconhecidos também, sempre enfatizando a relevância das artes (sejam elas literárias ou não) para discutir sobre questões que vão desde a desconstrução de uma sociedade patriarcal até a construção da identidade de determinado grupo de pessoas. E, por fim, destacamos a necessidade de ampliação de pesquisas sobre o gênero épico, atentando-se para as questões sociais, políticas, históricas e sociológicas que, muitas vezes, são problematizadas pelo eu-lírico/narrador (dupla instância de enunciação).

Referências bibliográficas

CAMPOS, Consuelo. Uma Poética de Brasilidade. In: HÜHNE, Leda Miranda. **A cor da terra**. Rio de Janeiro: Antares, 1981, p. 7-8.

HÜHNE, Leda Miranda. **A cor da terra**. Rio de Janeiro: Antares, 1981.

RAMALHO, Christina. A imagem da mãe-terra na poesia épica. In: **Revista Interdisciplinar**. Ano V, vol. 15. São Cristóvão, 2012, p. 68-81. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_15/INTER15_006.pdf. Acesso em 10 fev.2016.

RAMALHO, Christina. Epicidade crítica na poesia de Leda Miranda Hühne. In: **Anais do II SEFELI**, vol. 2. São Cristóvão, 2013, p. 76-87. Disponível em: http://www.sefeliufs.zz.mu/down/Anais_II_SEFELI/Untitled9.pdf. Acesso em 10 fev.2016.

RAMALHO, Christina. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. 1ª ed – Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

RAMALHO, Christina. **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese de doutoramento em Ciência da Literatura.

SILVA, Anazildo; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira: teoria crítica e percurso**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.